

Campinas, 28 de outubro de 2011

ANTIGO PRÉDIO DO DEOPS EM SÃO PAULO É PALCO DE ATIVIDADES CONTRA A DITADURA MILITAR

Centro de torturas durante a ditadura militar, edifício hoje é usado como museu

Luiz Guilherme Boneto
de São Paulo

Todos os meses, o Largo General Osório é palco de um evento único na capital paulista. No prédio do antigo Departamento Estadual de Ordem Política e Social, o DEOPS, é realizado o Sábado Resistente, um evento mensal que reúne centenas de pessoas em torno de um tema sobre a ditadura militar. O evento é realizado pelo Memorial da Resistência, sediado no prédio, e pelo Núcleo de Preservação da Memória Política, uma ONG fundada há dois anos e que se dedica a estudar o período militar, suas consequências e fazer justiça para amenizar o sofrimento de suas vítimas e familiares.

MEMORIAL DA RESISTÊNCIA

O Memorial da Resistência, por si só, já impressiona. Pouco mais de dois anos após sua fundação, é um dos museus mais visitados de São Paulo; entre abril e junho, a quantidade de visitas atingiu 7.131, de acordo com Relatório do Segundo Trimestre da Associação Pinacoteca de Arte e Cultura. Segundo a direção do museu, tais números “superam a meta” e animam os organizadores das exposições e do Sábado Resistente. Outros museus mais antigos de São Paulo recebem um número muito maior de visitantes, tais como o Museu do Ipiranga e o MASP, mas a considerar suas fundações muito mais antigas, os números apresentados pelo Memorial da Resistência são consideráveis. É simbólica também



Público durante o Sábado Resistente de 15 de outubro

a localização do museu: o prédio do antigo DEOPS era palco das torturas e assassinatos característicos do período militar no país. Hoje, os coordenadores dos eventos realizados no edifício são justamente as vítimas do período repressivo, que claramente não deixam de registrar tal fato. “Nós entramos nesse prédio como o soldado que conquista o território adversário”, falou Ivan Seixas, presidente do Núcleo de Preservação da Memória Política, durante o início do Sábado Resistente do último dia 15 de outubro. “[O prédio] é uma propriedade do governo do Estado, obviamente, mas nós, que não somos sequer funcionários do governo do Estado, estamos aqui realizando atos, ocupando o que é nosso. Não é dos torturadores, é nosso”. Ele elogiou ainda o

governo de São Paulo: “Muitos criticam este governo, mas eles nos concederam o uso do que é nosso por direito, ou seja, este prédio”.

A edificação é surpreendente por sua organização e pela história que guarda. É possível visitar algumas das celas onde os presos políticos ficavam retidos, e até mesmo o corredor onde tomavam banho de sol. Após a desocupação do prédio pelo DEOPS, boa parte do edifício foi reformada ou derrubada, mas próxima à entrada do Memorial há uma maquete praticamente exata de como era o prédio à época da ditadura, feita com base nos depoimentos de ex-presos políticos. É possível verificar, através da maquete, como eram dispostas as celas onde as vítimas eram presas e torturadas.

O corredor que leva às

celas tem um clima carregado, facilmente perceptível em quem se dispõe a visitá-lo. Há nele apenas três celas e a pequena passagem que leva ao corredor onde os presos tomavam banho de sol. Na primeira cela, há apenas o espaço em si, com as paredes cobertas de informações numa espécie de cartaz alaranjado. Na segunda cela, tentou-se recriar o ambiente em que os presos viviam à época da ditadura: há uma toalha branca pendurada num pequeno varal, próximo a um banheiro de aspecto miserável, de azulejos em um tom sujo de branco e preto, e nas extremidades das paredes, há dois colchões ocupando o soalho de madeira. A pintura das paredes é toda marcada por inscrições, algumas feitas a caneta, outras, com algum instrumento cortante, utilizado para descascar a tinta acinzentada. Segundo Carolina Bissoto, diretora e secretária do Núcleo Memória, as inscrições tiveram de ser refeitas: “Depois que o DEOPS desocupou o prédio, o governo mandou pintar as paredes para esconder o que estava escrito pelos presos”, disse ela, que acompanhou a visita da reportagem às instalações do Memorial. “Tudo foi refeito, muitas coisas com base nas lembranças de companheiros de cela, ou dos próprios presos que haviam escrito na época. Não conseguimos deixar exatamente igual, mas fizemos o possível”.

A última cela talvez seja a mais marcante. Suas paredes laterais são ocupadas por dois longos bancos de madeira, sobre os quais se encontra, acoplada às paredes, uma série de fones de

ouvido, nos quais é possível escutar depoimentos de ex-presos, e alguns dos gritos cortantes que podiam ser escutados durante as longas sessões de tortura, que os militares por vezes gravavam. No centro da cela, diante de um pilar, há um cravo vermelho dentro de uma garrafa de plástico, posta sobre um caixote de madeira, numa homenagem às vozes das vítimas que ali morreram, e que ainda podem ser ouvidas.

As portas das celas também impressionam. Mantidas desde a época da ditadura, são de madeira pesada, e seus trincos rangem de um modo agourento quando alguém as abre. Durante a conversa, Carolina Bissoto puxou uma das fechaduras para mostrar o ruído: “Imagine quando os presos ouviam esse barulho, e sabiam o que estava por vir”, disse ela.

SÁBADO RESISTENTE

A cada mês, o Sábado Resistente dedica-se a tratar de um assunto diferente. O evento é um diferencial do Núcleo em relação a outras ONGs paulistanas. No último dia 15 de outubro, o tema foi a causa operária de São Paulo, e a opressão que os trabalhadores sofriam do regime militar quando se revoltavam contra os donos das grandes fábricas e entravam em greve, repressão esta que, segundo os depoimentos ouvidos, continuam sofrendo até hoje, embora de forma velada. Entre 14h e 17h, o auditório do Memorial da Resistência esteve lotado de ex-operários e interessados no evento, bem como uma sala anexa, equipada com um telão, onde os frequentadores puderam assistir ao que se passava no evento. Segundo nota divulgada pelo Núcleo de Preservação da Memória Política, foi batido o recorde abso-

-luto de presentes, com um público em torno de trezentas pessoas. O fato foi comentado pelo presidente da ONG, Ivan Seixas, no início das apresentações. Seixas se mostrou surpreendido e satisfeito, assim como Carolina Bissoto. De acordo com ela, não é comum o Sábado Resistente contar com um público tão grande. “Tomara que não chova”, brincou antes do evento, comentando que talvez o mau tempo afastasse o público naquele dia.

O evento é peculiar por uma série de razões. É o único em São Paulo que se dedica a debater e a estudar a ditadura militar no país, sob as mais diversas óticas e com temas variados. Em 2011, os assuntos foram desde repressão no esporte, num evento que contou com a presença do jornalista esportivo Juca Kfoury até a tortura contra trabalhadores da indústria.

O Sábado Resistente nada mais é do que uma forma didática de transmitir o tema da ditadura militar às pessoas. Os organizadores do evento exibem um filme rápido, de no máximo quinze minutos, como um modo de introduzir o assunto e situar todos os presentes. Em seguida, iniciam-se as palestras com várias pessoas, e é distribuído um material de pesquisa para que todos possam compreender melhor o assunto em pauta. Militantes mortos e torturados são sempre lembrados no Sábado Resistente, e possuem local de destaque nos filmes exibidos, na fala dos palestrantes e até mesmo em banners e cartazes.

O evento reúne a cada mês um número considerável de pessoas interessadas, o que leva os organizadores e membros do Núcleo de Preservação da Memória Política a festejar seus resultados. Entre os leigos no assunto, contudo, surge uma pergunta inevitável: Por que,



Detalhe do cravo vermelho numa das celas

passados mais de vinte anos desde o fim do período militar, a ditadura continua a ser debatida e discutida? Quais objetivos as vítimas que sobreviveram e os parentes dos mortos pelo regime buscam nos dias de hoje? O que cobram do governo?

Maurice Politi, fundador e diretor do Núcleo, tem a resposta pronta para tais questões. Em conversa à reportagem, ele comentou que o período militar não é muito conhecido em seus detalhes por quem não o viveu. “Isso se deve a uma política intencional, tipicamente brasileira, de considerar que ‘o que passou, passou’”, comentou ele. Politi também considera importante lembrar “grandes atores” que, segundo suas próprias palavras, eram bem “ativos à época”, e que “não desejam ter seus nomes ligados àquele período”. Sobre isso, ele citou: “Companhias grandes que apoiaram a ditadura, como Folha, Globo, Camargo e Correia, assim como personagens que continuam na política, como José Sarney e Marco Maciel”.

De acordo com Politi, a ideia do Núcleo não é “ser saudosista ou só falar do passado, mas fazer com que os jovens de hoje compreendam o passado de um modo

adequado para que possam construir um futuro melhor para o Brasil”. Para ele, os resultados dos eventos e a abrangência do Núcleo e do Memorial são extremamente satisfatórios. “O interesse dos jovens tem crescido, e a prova disso é que, nos nossos Sábados Resistentes, tínhamos uma média de 50 a 60 pessoas, a maioria, ‘cabeças-brancas’, ex-presos políticos e ativistas do passado. Hoje temos em média 130 a 150 pessoas em cada Sábado, sendo que em alguns, como o do dia 15 [de outubro], tivemos quase 300”.

Para Carolina Bissoto, a ditadura precisa continuar a ser debatida e lembrada, para que se faça justiça e para que o Brasil não esqueça sua própria história. “Na escola não aprendemos [quem são] as pessoas que deram o golpe e que mantiveram o regime militar em funcionamento continuam no poder até hoje”. A opinião de Carolina, contudo, coincide com a maioria dos estudiosos da ditadura militar “A história da ditadura militar no Brasil precisa ser conhecida por todos os brasileiros, não só por ser um período importante, mas para que a tortura, a repressão e a censura nunca mais se repitam neste país”.

